

LEITURA IMANENTE E A DINÂMICA DE SUA DIALÉTICA NO ESTUDO

Luzenilda da Silva Emiliano ¹
Denis Avelino dos Santos ²
Zaine Paula dos Santos Silva ³
Alluska Souza Cavalcante ⁴
Orientador: Ciro de Oliveira Bezerra ⁵

RESUMO

Inúmeros são as pesquisas e diagnósticos que constatarem existir e se aprofundar a crise na educação brasileira. E ela não se restringe à educação básica, perpassa a educação superior e atinge, inclusive, os Programas de pós-graduação strictu sensu: mestrado e doutorado. A causa desta crise é a precária qualidade da educação brasileira, e ela vem se arrastando a bastante tempo entre nós, desde a década de sessenta. Se sabemos a causa por que então não conseguimos supera a crise? Porque ela envolve as profundas desigualdades sociais brasileiras. E o coração destas desigualdades encontra-se, justamente, na negação do povo brasileiro em estudar. Porque para estudar é necessário dispor de tempo livre, o estudo pressupõe um tempo socialmente necessário para estudar. Objetivamos nesta comunicação expor brevemente um método rigoroso de estudo, trata-se de explanar, ainda que brevemente, a dinâmica do método de estudo da leitura imanente.

Palavras-chave: Leitura imanente, dialética de estudo e formação de si.

INTRODUÇÃO

Admitamos que não haja essa significação indeterminada e que não entendemos sempre o que ‘ser’ significa. O que ocorreria nesse caso? Apenas um nome e um verbo de menos em nossa linguagem? De forma alguma. Já não haveria simplesmente linguagem alguma. Não ocorreria que o ente se nos abrisse, de modo a poder ser chamado e dito. Pois dizer o ente como tal implica compreender de antemão o ente, como ente, isto é, o seu ser. Suposto que nós simplesmente não compreendêssemos o ser, suposto que a palavra ‘ser’ não tivesse nem mesmo aquela significação flutuante, então já não haveria absolutamente nenhuma palavra. Nós mesmos nunca poderíamos ser aqueles que falam. Lá não poderíamos ser o que somos. Pois ser homem significa ser um dizente.

Heidegger, Introdução à Metafísica

¹ Graduanda do Curso Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, luzenildaemiliano@hotmail.com;

² Graduado pelo Curso de Geografia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, denisavelino@yahoo.com.br;

³ Graduanda do Curso Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, zaine.paula@hotmail.com;

⁴ Graduanda Curso Pedagogia Universidade Federal de Alagoas - UFAL, alluskacavalcante_souza@hotmail.com;

⁵ Doutor pelo Curso de Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, ciro.ufal@gmail.com;

O método da leitura imanente ou dialética de estudo, as diretrizes e princípios filosóficos que o orientam, o complexo categorial que lhe dá sentido e coerência lógica, política, ética, estética, ontológica e epistemológica, e que permeiam as ações que conferem efetividade aos seus quatro momentos ou aplicativos: diálogo crítico; mapa das unidades significativas e unidades epistemológicas; diário etnográfico e interpretação compreensiva se propõe enfrentar um grande desafio sociopedagógico no século XXI: além de desenvolver a capacidade crítica de ler, registrar e escrever, se propõe também a desenvolver a capacidade sociolinguística de compreender e interpretar, por meio da elaboração de textos livres, escritos por leitores-pesquisadores, iniciantes ou experientes. Paratanto, exige destes leitores-pesquisadores, que seus textos produzidos com intenção de serem socializados e publicados, sejam claros, concisos e objetivos, que tenham coerência, coesão e apresentem a necessária unidade temática, na típica organização textual, já consagrada universalmente, contendo introdução, desenvolvimento e conclusão.

Contudo, não devemos nos descuidar, sobretudo no âmbito das ciências humanas, sociais e aplicadas, de enfatizar os sentidos ético, estético e político na composição dos livros didáticos e trabalhos acadêmicos. O texto escrito pelo estudante, professor ou pesquisador, iniciante ou experiente, deve explicitar a profunda consciência e reconhecimento da presença marcante da estética textual, da estética da existência, da ética das virtudes e da politicidade imanente à produção, socialização e apropriação dos conhecimentos objetivos. Sobretudo no âmbito das humanidades. Essas categorias (ética, estética e política) são formas de ser que habitam o complexo social do trabalho intelectual e incidem profundamente na transformação do modo de ser dos envolvidos em estudos e pesquisas, desde que realizados com intensidade e regularidade, paciência e persistência.

O que temos constatado em nossas vivências com estas categorias ou modos de ser é que parece mesmo haver uma conspiração de forças para impedir que nós, professores e estudantes, estudemos, por isso nós precisamos nos manter firmes no propósito de estudar, contra tudo e todos, caso contrário não conseguimos, pois, os empecilhos que se erguem contra a dedicação ao estudo e a pesquisa são imensos. É preciso arrancar coragem da pedra para enfrentar as forças contrárias às situações de estudo: forças interiores e exteriores. A formação de si, mediada pela leitura imanente, pretende despertar as incandescentes forças humanas interiores para combater os obstáculos das forças exteriores e interiores, contrárias e desestimulantes ao estudo e a pesquisa sistemáticos.

As atividades intelectuais se desenvolvem nas instituições de ensino sob tensões, disputas e lutas políticas, desde a antiguidade clássica. Lutas que transformam a simples

atividade de estudar em uma aventura muitas vezes sangrenta, por envolver status, poder, apropriação de riquezas, investimentos vultosos em equipamentos e tecnologias de pesquisa, gastos com coletas e análises de dados, remuneração do tempo socialmente necessário para dedicação a estudos de documentos históricos, revisões e atualizações teóricas, categoriais e conceituais, e, depois, muita dedicação para expor didática, lógica e numa ordem coerente os resultados das pesquisas, para que tornem-se inteligíveis para o público em geral. Pois, certamente, no âmbito das ciências humanas, um dos objetivos dos livros didáticos e dos trabalhos acadêmicos é conquistar o máximo de adesão e legitimidade dos leitores, o que exige argumentos não apenas elegantes e consistentes, mas que afirmem uma ética, estética e politicidade pactuadas, e desde o momento em que ocorre a apropriação dos conhecimentos existentes.

Em uma ideia: o que o estudo e a pesquisa colocam em questão é o governo de si no mundo, o que pressupõe a apropriação do território onde se realizam estudos e pesquisas, leituras e escritos, apropriação de diversos lugares onde se estabelecem governos, relações e vínculos sociais, e encontram-se os recursos necessários à apropriação de conhecimentos. O que pressupõe a reprodução da existência. A apropriação territorial para realização de estudos e pesquisas envolve, portanto, o governo de si, a formação de si e a apropriação dos recursos para se exercer este governo e viabilizar esta formação.

METODOLOGIA

Para que os atores pedagógicos tenham alguma chance de estudar e pesquisar, considerando que vivemos no século XXI em engenhosas, trágicas e dramáticas lutas e disputas territoriais, é necessário bloquear e controlar todas as forças em contrário, que possam inibir, obstaculizar e travar os estudantes e escritores iniciantes, e mesmo os estudantes e escritores experientes, para que vivam a liberdade e a plena magia de ler e escrever criticamente, com uso de seu vocabulário, em permanente mudança e expansão. E, assim, discorram sobre suas interpretações dos trabalhos acadêmicos e livros didáticos que tenham interesse em desfrutar prazerosamente, registrando e analisando, inclusive, as compreensões de si, em todas as atividades intelectuais que envolvam o estudo e a pesquisa.

Vejam bem, isso é um exercício que vai nos aperfeiçoando na medida em que o praticamos. Quanto mais se pratica, mais se apura, mais se aprimora, como qualquer esporte. O que significa que ao realizar um bom diálogo crítico com o escritor; identificar as unidades

significativas e epistemológicas; e tomarmos consciência dos nossos sentimentos e limitações intelectuais quando estudamos, enfim, do lugar intelectual que ocupamos no processo desse diálogo, o que se registra nas ações do terceiro momento: o diário etnográfico, mais nos qualificamos para interpretar compreensivamente os trabalhos acadêmicos e os livros didáticos. Todas essas atividades que qualificam e valorizam a pessoa humana, qualificação e valorização que se acumulam no tempo com a apropriação dos espaços pelos atores pedagógicos – e os conhecimentos dentro deles –, se explicitam no quarto momento dos aplicativos do método da leitura imanente: a interpretação compreensiva. Deste modo, realizadas as ações dos três primeiros momentos, com determinação e disciplina pressupostas, não há dificuldades em se realizar a interpretação compreensiva.

Agora, uma interpretação compreensiva é, no nosso entendimento, tão ou mais rica do que um artigo. É muito mais consistente e convincente do que qualquer compilação de ideias, muitas vezes arbitrárias, de diferentes trabalhos acadêmicos; tão ou mais fecunda do que qualquer trabalho realizado nos cursos de graduação e pós-graduação, quando dissociados de pesquisa, feitos sem sistematização e registro, tão necessários em revisões bibliográficas e estudos da arte. Por quê? Porque a interpretação compreensiva resulta de trabalho sistemático. Neste não apenas dialogamos criticamente com os escritores, objetivando registrar as unidades significativas e as unidades epistemológicas, mas submetemos os trabalhos acadêmicos e os livros didáticos a várias interrogações, colocando-os diante do tribunal da razão pública, da opinião pública da ciência. Desta forma é que submetemos a produção do trabalho intelectual à crítica mordaz de nossos pensamentos atentos, e isto de forma mais profunda e radical possível.

Pensamos que tal postura, atitude e posicionamento teleológico e intelectual permite a estudantes, professores e pesquisadores reconstruírem conceitos e ideias acerca das categorias analisadas. Nesta dinâmica, eles não apenas se autoconstroem reflexivamente e recursivamente, como atualizam os conhecimentos produzidos pelo gênero humano. Na verdade, as pessoas não podem se eximir de vivenciarem, de alguma forma, essa dinâmica do complexo social do trabalho intelectual. Tal dinâmica é constitutiva da natureza da dialética do trabalho em geral e do trabalho pedagógico em particular.

Nas ações dos momentos do método da leitura imanente, indicados logo no primeiro parágrafo deste tópico: a dinâmica da didática de estudo, se realizam também a tomada de consciência dos efeitos do texto sobre a interioridade psíquica e psicológica da pessoa humana, efeitos sobre o campo perceptivo e o campo dos sentidos, simbolicamente mediados. Efeitos que mudam o comportamento humano por tencionarem os sentimentos, as memórias e a

consciência preexistentes dos estudantes, professores e pesquisadores. O que nos permite tomar consciência ou construir a autoconsciência não apenas dos sentidos do texto estudado, em relação a nossos conhecimentos adquiridos, mas, agora, com o uso dos aplicativos da leitura imanente, dos conhecimentos acumulados a partir da apropriação das novas categorias, conceitos e ideias, incorporados paulatinamente ao cabedal intelectual dos atores pedagógicos. E mais, a regularidade do uso do método da leitura imanente permite perceber também os limites desses conhecimentos, não apenas em comparação aos socializados pelos trabalhos acadêmicos e livros didáticos, mas em relação aos objetivos de apropriação de novos conhecimentos projetados por planos e programas de estudos. O que amplia consideravelmente a visão do universo intelectual dos atores pedagógicos sobre o conhecimento objetivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho de apropriação do saber, existente nos atos de estudar e pesquisar, possui, de fato, um efeito pedagógico, daí enfatizarmos o caráter pedagógico do estudo e da pesquisa, e que os aplicativos do método da leitura imanente também usufruem desta pedagogia. O que ressaltamos na leitura imanente é que seus momentos ou aplicativos reconhecem existir pedagogia no estudo e na pesquisa. Pedagogia muito pouco discutida e muitas vezes sequer imaginada, pelas mais diversas abordagens de pesquisas socioeducativas, que produzem seus estudos e reflexões no âmbito da educação infantil, básica e superior. Abordagens que reduzem a docência ao ensino, e hipervalorizam as práticas pedagógicas, restringindo as potencialidades da pedagogia da formação de si às atividades de sala de aula.

A epistemologia da prática docente, por exemplo, ignora completamente a pedagogia do estudo e da pesquisa, porque admite como única possibilidade didática os componentes curriculares da didática do ensino, possível de ser socializada em diversas disciplinas: didática do ensino de história, didática do ensino de ciências sociais, didática do ensino de matemática, didática do ensino de química, didática do ensino de geografia, didática do ensino de filosofia, entre outras. O grande problema é que a pedra fundamental das didáticas de ensino, do qual não pode se libertar, é a “pedagogia bancária”. O que nos deixa perplexo e nos faz inquirir se a pedagogia libertária de Paulo Freire chegou mesmo às universidades, aos cursos de formação de professores, aos cursos de graduação em licenciaturas. Todas as políticas governamentais de formação de professores até hoje parecem ignorar a epistemologia pedagógica freireana. O exemplo mais recente é o Programa de Residência Pedagógica. Uma política pública de

formação docente, para ser implementada nos Cursos de Formação de Professores, com o nítido objetivo de precarizar, mercantilizar e monetarizar ainda mais a docência no Brasil.

Os saberes imanentes ao trabalho pedagógico em pesquisa e os saberes imanentes ao estudo são impossíveis de serem apreendidos na reflexão da prática pedagógica, nas reflexões das atividades de ensinar, restritas às salas de aula. Os saberes imanentes aos estudos e pesquisas só são possíveis de serem apreendidos em outro lugar, onde e quando realizam-se os atos de estudar e pesquisar, atividades que não se realizam em salas de aula. E mais, ensino de qualidade é consequência de estudos e pesquisas sistemáticos, regulares e consistentes, é consequência de uma sólida formação teórica. Sem estes aquele não passa de farsa e cinismo.

Vislumbra-se com estas postulações que os trabalhos acadêmicos (artigos, dissertações, teses, livros e monografias) e os livros didáticos não são apenas constituídos de unidades significativas e epistemológicas, permeia neles sentidos políticos, ideológicos, econômicos e culturais, que fortalecem determinado pacto de governo territorial, negociado entre as classes dominantes e dirigentes, participando desta negociação gestores, juízes e todos os intelectuais orgânicos ao capital. Além disso, o método de pesquisa posiciona politicamente os pesquisadores, em seus atos de pesquisar realidades humanas, inclusive nas pesquisas sociopedagógicas, corroborando para fortalecer ou fragilizar “regimes de verdades” e “ordens de discursos” hegemônicos nas ciências humanas, sociais e aplicadas. Regimes e ordens que conformam o poder intelectual ao poder simbólico: poder de simbolizar por meio de enunciados verdades que se incorporam às mentes e constituem memórias pessoais e coletivas, inclusive crenças, sentimentos e convicções, e por meio da leitura e da escrita.

Portanto, além do trabalho pedagógico em pesquisa ser portador de relações de poder simbólico: poder de representar realidades e, com isto, desfazer, fortalecer ou recriar memórias, sentimentos e consciência a partir da apropriação de categorias, conceitos, ideias e vocabulário socioeducativos (complexo categorial, com regime de verdade e ordem de discurso específicos), o método da leitura imanente desmistifica o poder deste trabalho sociolinguístico, e o ressignifica positivamente, quando, por exemplo, nega a neutralidade axiológica e a naturalização das relações de poder subjacentes às relações imperantes na pesquisa acadêmica, por reconhecer, evocar e tornar presente no estudo, ensino e pesquisa a estética textual, a estética da existência, a ética das virtudes e a politicidade nos conhecimentos objetivos, produzidos pelos atores pedagógicos. E convida estudantes, professores e pesquisadores refletirem sobre as categorias politicidade do conhecimento, ética e estética no processo de sistematização dos estudos e pesquisas, processo que promove a independência e autonomia intelectual dos atores pedagógicos, na medida em que não reduz o estudo e a pesquisa à

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

finalidade de comunicar os sentidos dos resultados de pesquisa e conteúdos dos componentes curriculares, porque também há conhecimentos implícitos, e até não identificados e revelados explicitamente nas pesquisas, sobretudo por trabalhos acadêmicos pragmáticos, estritamente empíricos, trabalhos que normalmente resistem em submeter seus processos e resultados ao crivo crítico e contestatório da “razão sábia”. É por isso que os estudos sistemáticos da leitura imanente, diferentemente das leituras arbitrárias, pragmáticas e utilitaristas, provocam e despertam imaginações e sentimentos libertários nos leitores-pesquisadores, no âmbito das ciências humanas, sociais e aplicadas, por resistir à restrição dos processos e resultados do trabalho intelectual à produtividade imposta nas instituições de ensino pelo taylorismo pedagógico.

Coroando todo esse trabalho, realizado nos três primeiros momentos da leitura imanente, somos desafiados, então, a elaborar a interpretação compreensiva, no quarto momento, e interpretar o que compreendemos do texto, inclusive criticar as nossas próprias compreensões nesta interpretação; fazendo de nós mesmos, de nossos entendimentos, objeto de estudo, investigação e reflexão crítica. Se é assim, o diálogo crítico e a interpretação compreensiva não se confundem com o fichamento, a resenha crítica, o resumo ou a síntese, que são técnicas de estudo já convencionais; formas de leitura e registro que estamos acostumados a fazer nas universidades, nos cursos de graduação e pós-graduação. Diálogo crítico e interpretação compreensiva são atividades mais complexas e ricas, que mobilizam infinitas qualidades intelectuais, afetivas, políticas, éticas e estéticas da pessoa humana. Potencialidades intelectuais e cognitivas, até então mudas, são despertadas pelos “exercícios espirituais”, os momentos ou aplicativos do método da leitura imanente.

A interpretação compreensiva é materializada em um texto de autoria das mais diferentes formas de leitores: estudantes, professores e pesquisadores, entre outros, pronto para ser lapidado e transformado em artigo, capítulos de dissertações, teses e livros ou simplesmente em um texto mais elaborado. Este é, portanto, um momento sublime e decisivo da leitura imanente. Nele nos qualificamos como escritor(a), quando desenvolvemos habitus e disposições, necessários à escrita. Esse é o feito e culminância do método da leitura imanente: transformar o leitor-pesquisador em escritor-pesquisador, sem nunca esquecer a ternura e a amizade latente e em potencial, em cada ato de estudo e pesquisa. Portanto, agregando qualidades intelectuais (imbicadas à ética das virtudes, à estética da existência e à politicidade dos conhecimentos) até então inexistentes nos atores pedagógicos, que não podem ser mais considerados meramente atores pedagógicos com esta autonomia intelectual conquistada, mas sujeitos pedagógicos, que é outra qualidade de pessoa humana. Ser escritor é uma qualidade diferente de ser leitor.

Qualidade forjada, justamente, na faina do trabalho pedagógico em estudos e pesquisas. Agir como ator ou sujeito nas sociedades e grupos sociais pressupõe a personificação de formas sociais que fortalecem a autonomia e a autoridade intelectual, formas sociais correspondentes as relações ocupacionais e atividades que realizamos cotidianamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perguntamo-nos: não é este, de uma forma geral, o desejo dos atores e sujeitos pedagógicos do ensino fundamental, médio e superior (graduação e pós-graduação): aprender a ler e escrever, compreender e interpretar os textos de todas as filosofias e ciências? Então, supondo que sim, todo e qualquer trabalho intelectual (estudos e pesquisas) deveria exigir ações desta natureza; como, por exemplo, as ações propostas pelos aplicativos da leitura imanente. Ações que também ajudam compatibilizar os estudos planejados com os realizados. O que pressupõe o registro sistemático dos atos e fatos do trabalho intelectual, visando um melhor monitoramento e avaliação das ações estruturantes do estudo e da pesquisa, que exigem constantes releituras e replanejamentos, e muitas vezes, inclusive, reformulações de estratégias e mudanças metodológicas.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 6ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

BEKER, H. S. *Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BEZERRA, C. *Estudo e Virtude: Formação de si no mundo com os outros e as contradições da educação brasileira*. Maceió: Grafmarques, 2019.

_____. *Sociologia do Trabalho Pedagógico & Formação Humana: Crítica à economia política do trabalho pedagógico*. Maceió: Grafmarques, 2019.

_____. *Professores Desacorrentados na-e-da Cé(lu)la de aula. Leitura Imanente: um método para resistir e emancipar*. Maceió: EDUFAL, 2019.

_____. *Conhecimento, Riqueza e Política: Um estudo sob a ótica da teoria social de Marx e da filosofia da práxis de Gramsci*. Maceió: EDUFAL, 2009.

BEZERRA, C. & AVELINO. *Território e Educação: Análise crítica das principais contribuições do Observatório das Metrôpoles*. Maceió: Grupo de Estudo Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico e Formação Humana, 2015.

BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: Editora da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. RJ: Vozes, 2019.

_____. *O senso prático*. 3ª edição. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 2013a.

_____. *Escritos de Educação*. 14º ed. RJ: Vozes, 2013b.

_____. *A distinção: Crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. *Esboço de autoanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. Efeitos de Lugar. In: BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, pp. 159-166.

_____. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1996a.

_____. *As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário*, Bourdieu. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

BOURDIEU, P. & PASSERON, J.-C. *Los estudiantes y la cultura*. Barcelona: Editorial Labor, 1967.

BRITO, Luiz Percival L. B. *No lugar da leitura: biblioteca e formação*. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literária, 2015.

_____. Leitura: acepções, sentidos e valor. In: *Nuances: estudos sobre Educação*. Presidente Prudente/SP, v. 21, n. 22, p. 18-31, jan./abr. 2012.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, Volume II.

_____. *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, Volume I.

CAILLÉ, A. *Antropologia do dom: O terceiro paradigma*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CAMARGO, M. A. B. *Alfabetização: introdução ao mundo do texto e ao texto do mundo*. Revista multidisciplinar, n. 3, jun. 2007.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARLINO, Paula. *Escrever, ler e aprender na universidade: uma introdução à alfabetização acadêmica*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

CATANI, A. M. *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

COUMANS, F. *Escrita e Sociedade*. São Paulo: Parábola Editora, 2014.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. 2ª edição. São Paulo: DIFEL, 1973.

Antologia de textos/Epicuro. Da natureza/Tito Lucrécio Caro. Da república/Marco Túlio Cícero. Consolação a minha mãe Hélvia; Da tranquilidade da alma; Medéia; Apocoloquintose do divino Cláudio/Lúcio Aneu Sêneca. Meditações/Marco Aurélio; 3ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os pensadores).

ESPINOSA, Bento de. *Ética*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade, política*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. *A coragem da verdade: o governo de si II: curso dado no Collège de France (1983-1984)*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *Do governo dos vivos: curso dado no Collège de France (1979-1980)*. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009.

_____. *A Hermenêutica do sujeito*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *História da sexualidade: O cuidado de si*. 10ª reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, Volume 3.

GODBOUT, J. T. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GODELIER, M. *O enigma do dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 19-162.

GRAMSCI, A. *Os Intelectuais e a organização da cultura*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

_____. *A concepção dialética da história*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

GURVITCH, Georges. *Os quadros sociais do conhecimento*. Lisboa: Moraes Editores, 1969.

HADOT, Pierre. *O que é Filosofia Antiga?* 6ª edição 2014 e 2ª reimpressão 2017, São Paulo: Edições Loyola. 2017.

_____. *Filosofia como maneira de viver: entrevistas de Jannie Carlier e Arnold I. Davidson*. São Paulo: É Realizações, 2016.

_____. *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*. São Paulo: É Realizações, 2014.

HELLER, A. *Teoría de las necesidades en Marx*. 2ª edição. Barcelona: Provença, 1986.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. 230 p.

LESSA, S. Ortodoxia e Leitura Imanente. In: _____. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. 2ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2011, p. 09-21.

MARTINS, J. de S. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção temas de atualidade).

MARX, K. Grundrisse. *Manuscritos econômicos de 1857 e 1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. *Manuscritos: economia y filosofia*. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

_____. *O capital: crítica da economia política*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, Volume I.

MARX, K. & ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins fontes, 1980.

MARTINS, P. H. (Org). *A dádiva entre os modernos: Discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

MAUSS, M. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2001.

POSTONE, M. *Tiempo, trabajo y dominación social: Una reinterpretación de la teoría crítica de Marx*. Madrid: Marcial Pons, 2006.

RIBEIRO, L. C. Qeiróz; KAZTMAN, R. (orgs.). *Acidade contra escola? Segregação urbana e Desigualdades Educacionais em Grandes Cidade da América Latina*.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton. et al. *Território, territórios: Ensaio sobre ordenamento territorial*. 3ª edição. São Paulo: Lamparina, 2011, pp. 13-21.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SÊNECA. *Sobre os enganos do mundo*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

SILVA, N. M. B. da. O conceito da amizade a partir de La Boétie. In: *A amizade em Montaigne*. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, São Paulo, p. 18 - 26.

SMITH, A. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, vol. I, 1985.

SPOSITO, E. S. Elementos do Método. In: *Geografia e filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico* – SP: UNESP, 2004.

_____. Teoria e Conhecimento e Realidade Objetiva. In: *Geografia e filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico* – SP: UNESP, 2004.

_____. Leitura e Interpretação dos textos. In: *Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico* – SP: UNESP, 2004.